

## Fanáticos, criminosos ou vítimas?

Nuances da representação dos sertanejos nas páginas da imprensa

Karina Janz Woitowicz

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

WOITOWICZ, KJ. Fanáticos, criminosos ou vítimas? Nuances da representação dos sertanejos nas páginas da imprensa. In: *Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916)* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015, pp. 85-118. ISBN 978-85-7798-212-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Fanáticos, criminosos ou vítimas?

### Nuances da representação dos sertanejos nas páginas da imprensa

---

*“Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência, a vossa!  
Ai, palavras, ai, palavras, sois de vento, ides no vento,  
no vento que não retorna, e, em tão rápida existência,  
tudo se forma e transforma!”*

(Cecília Meireles)

A leitura de um jornal histórico deve, a princípio, trazer a tona acontecimentos relevantes da sociedade em uma determinada época. Temas importantes do cotidiano, relações políticas e econômicas, desenvolvimento social e urbano, enfim, imagens de um tempo. No entanto, os textos trazem ainda uma série de pistas ou sinais que indicam outras interpretações, que vão além da verificação de uma postura política do jornal ou de registros dos acontecimentos. Dizem respeito ao contexto social, ou mesmo a um discurso social já partilhado, que cria a imagem de determinados atores sociais, ao mesmo tempo em que contribui para a formação de consensos de significação por meio deste trabalho simbólico.

No transcorrer do processo de pesquisa, foi possível observar que, em meio a uma série de polêmicas que a Guerra do Contestado trouxe em seu processo de constituição e repercussão, um elemento comum aparece em todo o percurso histórico do movimento: o sertanejo<sup>1</sup>, ou melhor, sua imagem projetada pela prática discursiva dos jornais. Ora como agentes mobilizadores do movimento, ora como seguidores cegos de interesses políticos, ora como vítimas da ignorância, os textos

---

1. A expressão “sertanejo” é utilizada no singular masculino porque é este sujeito que costuma ser tematizado e representado nos jornais. Sabe-se que a participação das mulheres no movimento do Contestado foi expressiva, principalmente com as virgens do monge, que recebiam suas mensagens divinas e passavam ordens aos comandos. Contudo, quando o jornal se refere a personagens femininas, as nomeia como tal.

veiculados no jornal *Diário da Tarde* oferecem alguns indícios para investigar o modo como o sertanejo é tematizado e representado na/pela imprensa.

Interessa, aqui, estudar as várias visões com que se falou sobre a condição sertaneja (em espaços nobres ou secundários, notícias ou editoriais), na intenção de registrar e interpretar não a condição sertaneja em si, mas os modos como as variadas vozes que atuam no “campo polêmico” do jornal falam sobre os sertanejos e o interpretam. Assim, sem espaço para se fazer ouvir, os integrantes do movimento do Contestado são falados pelos jornais e, de acordo com as situações específicas em jogo, adquirem características que, de forma praticamente consensual, condizem com o pensamento hegemônico da época.

Agrupados de acordo com suas regularidades argumentativas, os fragmentos do jornal paranaense *Diário da Tarde* procuram mostrar como e em que circunstâncias um determinado discurso produz sentido, na articulação entre fala, textos disponíveis e situação (segundo a noção de “lugar de fala” aqui adotada). Nessa perspectiva, pretende-se traçar o movimento de sentido que se estabelece na evolução dos acontecimentos, a partir da percepção das lógicas que regem a produção e projeção de significados no discurso jornalístico. É esta luta simbólica que, na relação de diálogo com a realidade sócio-histórica, configura um espaço específico do jornal na ação e construção sobre um contexto pelas suas variadas “falas”.

O estabelecimento de conexões entre os pedaços de significação do jornal e o pensamento social da época procuram evidenciar algumas nuances da representação dos sertanejos na imprensa para, a partir desta análise, compreender as relações entre o contexto social e as falas que nele atuam na construção da(s) imagem(ns) dos sertanejos ao longo do desenvolvimento da Guerra do Contestado.

### **Marcas de um discurso legitimado pela diferença**

A nação foi antes pensada em termos raciais do que entendida a partir de critérios econômicos ou culturais. O tema racial, neste sentido, representou um argumento de sucesso para o estabelecimento de diferenças sociais, uma vez que a interpretação pessimista da mestiçagem e a cópia do

modelo de pensamento europeu – que legitimava as diferenças e desigualdades raciais, justificando seu domínio sobre os demais povos – aplicadas ao contexto nacional, marcaram o final da monarquia e os impasses da República Velha.

Interessa, portanto, compreender como o argumento racial foi política e historicamente construído no momento da Guerra do Contestado pelas elites intelectuais brasileiras, assim como o conceito raça, que acaba recebendo uma interpretação sobretudo social.

O pensamento racial europeu adotado no Brasil não parece fruto da sorte. Introduzido de forma crítica e seletiva, transforma-se no final do século XIX e início do século XX em instrumento conservador e mesmo autoritário na definição de uma identidade nacional e no respaldo a hierarquias sociais já bastante cristalizadas. (SCHWARCZ, 1995, p.42).

Presente no pensamento social brasileiro desde o final do século XIX, o argumento racial torna-se tema fundamental para compreender o modo como se forjou uma imagem predominante do sertanejo no período da Guerra do Contestado. Assim, analisar os textos jornalísticos é perceber as marcas do discurso da diferença que, ao produzirem sentido na caracterização dos moradores dos sertões do Contestado, contribuíram para a construção do imaginário sócio-histórico.

Importante ter presente que a ciência evolutiva e as teorias raciais vigentes até a segunda década do século XX passaram por diferentes abordagens e concepções, a fim de explicar as características (raciais) que marcaram as diferentes nações. De acordo com as tendências de desenvolvimento da ciência antropológica, os supostos atributos biológicos impunham uma imagem absolutamente negativa do “homem de cor” perante os outros tipos raciais que compunham a população brasileira. A negação do negro e do mestiço, neste contexto, vai incidir de maneira marcante na forma adjetivada (negativa e patologicamente) com que o homem do sertão é falado.

O Brasil, em função de sua composição étnica e racial, passava a ser analisado como modelo de falta e atraso por meio de uma percepção bastante consensual. Acreditava-se na deterioração decorrente da mistura de raças, capaz de apagar qualidades e deixar um tipo indefinido, híbrido e deficiente. Assim, a mestiçagem no Brasil não só era descrita como adjetivada,

constituindo uma pista para explicar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação.<sup>2</sup>

Vários autores demarcam o final do século XIX como o marco para o surgimento do racismo no Brasil. Em sua recuperação histórica do argumento racial no País, Lilia Moritz Schwarcz lembra que, segundo Thomas Skidmore, antes do clímax da abolição da escravidão no Brasil, a maior parte da elite pouca atenção dava ao problema da raça em si; para esse autor, o pensamento racial teve seu auge entre 1890 e 1920, quando as ideias de hierarquização das raças e da superioridade da raça branca adquirem foros de legitimidade científica. A autora menciona também os estudos de Roberto Da Matta, em que aparece o final do século XIX como o período de florescimento das teorias raciais no Brasil. Para o antropólogo, “a elite intelectual brasileira absorveu as teorias deterministas europeias, tomando-as como doutrinas explicativas acabadas para a realidade do país”.

Assim, o discurso evolucionista e determinista como modelo de análise social penetra no Brasil no final do século XIX como um novo argumento para se explicar as diferenças internas. Neste período, o debate entre monogenistas, que acreditavam que a humanidade era uma, porém governada por princípios e níveis mentais e morais de evolução, e poligenistas, que valorizavam as diferenças raciais, é intensificado. Os estudos sobre a questão racial recebem uma interpretação biológica de análise dos comportamentos humanos, que passam a ser encarados como resultado imediato de leis naturais. A partir desta corrente de pensamento, nascem simultaneamente a frenologia e a antropometria, teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando como base o tamanho e a proporção do cérebro dos diferentes povos. Conforme explica Lilia Moritz Schwarcz, estes estudos eram justificativas teóricas para práticas de dominação, pois por meio das variações raciais eram reconhecidas e determinadas as inferioridades.

---

2. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB), criada no início do século XX, é uma das publicações que surge como porta-voz deste tipo de discurso: “A mestiçagem deve ser até certo ponto encarada psicologicamente como factor de degeneração. Entre nós, é constituída de elementos de várias procedências portadores de caracteres etnicos diversos e condições especiaes que sob as influências mesológicas devem trazer uma perturbação ininevitavel na organização do equilíbrio inobstavel. A mestiçagem extremada aqui encontrada... retarda ou difficulta a unificação dos typos, ora perturbando traços essenciaes, ora fazendo reviver nas populações caracteres atavicos de indivíduos mergulhados na noite dos tempos. É preciso mudar as raças...” (SCHWARCZ, 1995, p.216).

### Fanáticos, criminosos ou vítimas?

Com as conclusões evolucionistas, justificava-se o predomínio branco e a hierarquia social rígida. Utilizando um darwinismo social-biológico, explicava-se o “natural branqueamento” da população. Mas eram as teorias deterministas raciais que ajudavam a comprovar um certo atraso, ou condenavam a mistura racial do país. (SCHWARCZ, 1995, p. 137).

Estudos na área da Medicina e do Direito, inspirados na antropologia criminal de Cesare Lombroso – que estudava o crânio para comprovar a inter-relação entre inferioridade física e mental e concebia o crime como fenômeno físico e hereditário – passam a compreender a mestiçagem como fenômeno de degeneração não só racial como social. Assim, pautados no darwinismo social, o bom desenvolvimento da nação seria resultado de uma conformação racial pura.

Nas características físicas de um povo é que se conheciam e reconheciam a criminalidade, a loucura, as potencialidades e o fracasso de um país. Critério objetivo de análise, o método antropológico trazia para alguns intelectuais uma série de certezas não apenas sobre o indivíduo como também acerca da nação. Desse modo, uma nação mestiça era uma nação invadida por criminosos. (SCHWARCZ, 1995, p. 167).

Mesmo com a evolução da aceitação racial, impulsionada por Sílvio Romero ao tratar a hibridação racial como a futura “viabilidade nacional”, a desigualdade continua a encontrar grande força na valorização das “diferenças étnicas”. A trajetória do argumento racial oferece, portanto, alguns indícios para se compreender o pensamento social da época e o modo como ele se manifesta nos enunciados enaltecedores da nação, na tentativa de identificar um tipo físico característico de brasilidade.

O problema racial é a linguagem pela qual se torna possível apreender as desigualdades observadas, ou mesmo uma certa singularidade nacional. No momento em que se vinculava discurso racial e projetos de cunho nacionalista, parecia oportuno imaginar uma nação em termos biológicos, regular sua reprodução, estimar uma futura homogeneidade. (SCHWARCZ, 1995, p.239).

Foi pautando-se no ponto de vista da ciência, que emergia então como autoridade crescente, que os jornais teceram as representações do sertanejo do Contestado, entendendo a raça enquanto um problema não só social, na medida em que se considerava que a herança étnica poderia inferir negativamente nos destinos de um povo. Na constituição de uma “identidade racial” brasileira, reforçada pelas interpretações de teóricos vindos de fora do país, o fator “raça” era entendido como um tipo de influência vital no potencial civilizatório de uma nação: “o Brasil aparecia retratado como primeiro grande exemplo de ‘degeneração num país tropical’ de raças mistas” (SCHWARCZ, 1987, p.23).<sup>3</sup>

Assim, eram unânimes os temores que o nosso futuro racial poderia inspirar. Ancorada nestes argumentos, foi desenvolvida e difundida no Brasil, nos primeiros anos do século XX, uma tese que buscava traçar novas soluções para a raça brasileira: a “teoria do branqueamento das raças”, que via a mestiçagem “ao mesmo tempo como um mal que deveria ser extirpado, e como uma solução para a questão racial brasileira” (SCHWARCZ, 1987, p.25). Conforme assinala a mesma autora:

Essa concepção de branqueamento implicava, por um lado, a crença na desigualdade das raças humanas (no caso, na inferioridade e na incapacidade dos negros e mestiços se civilizarem) e, por outro e principalmente, uma seleção natural e social que conduziria a um povo brasileiro branco num futuro não muito remoto. Utilizavam-se ainda do jargão então popular da eugenia, e alguns autores nacionais sugeriam inclusive a possibilidade de depuração das características dos negros e dos mestiços após algumas gerações. (SCHWARCZ, 1987, p.25).

---

3. Sobre a influência das teorias raciais, que legitimavam o predomínio dos países europeus sobre os demais povos, Schwarcz destaca: “Buckle, Kidd, Le Bon, Gobineau, Lapouge e vários outros darwinistas sociais eram então muito cotados no Brasil, devido a suas teorias sobre a inferioridade negra, a degeneração mulata e a decadência tropical. Gobineau, por exemplo, que veio ao Brasil em 1869, concluía na época que a corrupção no sangue negro levaria sem dúvida alguma à decadência dos povos mestiços. Lapouge, por seu turno, acreditava que o Brasil se constituiria, num século, num imenso “estado negro” que retornaria indubitavelmente à barbárie. De acordo com estes intelectuais a ‘promiscuidade’ que ocorreria em épocas coloniais produziria elementos degenerados, instáveis e portanto incapazes de acompanhar um desenvolvimento progressivo.” (SCHWARCZ, 1987, p.23).

Ainda na mesma perspectiva vigente na década 1920, a ciência insiste na evolução para uma nação predominantemente branca em termos culturais e raciais no contexto brasileiro. A ideia da “arianização” progressiva é uma das análises significativas deste período, acreditando nos reflexos da imigração branca, nos cruzamentos e na mortalidade de negros e mestiços. Assim, nas abordagens pessimistas da questão racial, tanto o negro quanto o mestiço eram vistos como elementos que, via de regra, maculavam a “civilização”.

Participavam também desse pensamento pessimista alguns autores nacionais, principalmente Nina Rodrigues que, aliando a antropologia criminal com a pesquisa médico-legal, procurava mostrar a incapacidade da raça negra e dos mestiços de adaptarem-se à civilização, hierarquizando os povos por meio das diferenças.<sup>4</sup> Para o autor, analisado por Schwarcz, não se poderia falar em igualdade num país onde conviviam diferenças raciais tão significativas, e nem em desenvolvimento, uma vez que a situação racial do brasileiro estava condenada por fatores desfavoráveis resultantes da mestiçagem.

Enquanto a República surgia aos poucos, proclamando a igualdade e o direito de cidadania, a ciência, e o jornal como porta-voz do discurso científico, buscavam formas de comprovar as diferenças raciais. No processo de (re)construção da nação (logo após a abolição da escravatura e a queda do Império), o condicionamento do futuro do País pelas características das raças que o compunham foi determinante, uma vez que dizia respeito à tentativa da jovem nação se igualar aos demais países considerados civilizados.

Assim, juntamente com um projeto de desenvolvimento urbano, espalha-se entre os “homens de letras” a condenação de formas de cultura e religiosidade popular como parte do processo de urbanização. Este pensamento “aburguesado”, inspirado em grande medida pelos europeus (que vai ao encontro do desejo de ser estrangeiros, ou ao menos “civilizados”), perpassa os discursos sobre as manifestações populares, representando um argumento que pode ser identificado na construção da

---

4. Ilustrativo desta abordagem é o livro *As raças humanas*, em que Nina Rodrigues propunha inclusive a criação de códigos penais diversos para negros e brancos que respeitassem as diferenças existentes, já que, segundo o autor, “a cada fase da evolução da humanidade se comparam raças antropológicamente distintas, corresponde uma criminalidade própria em harmonia e de acordo com o grau de desenvolvimento intelectual e moral”.



imagem do sertanejo do Contestado em seu “catolicismo rústico” baseado na crença em líderes messiânicos.

Em meio a esse projeto de modernização da nação, surge a preocupação em definir um tipo étnico específico representativo de nacionalidade ou pelo menos simbólico dela. O “gigante adormecido”, que sustenta o mito da ideologia do país novo, é colocado em questão pelos intelectuais, que pretendiam realizar um mergulho nas realidades do País para obter um veredito concreto sobre o futuro pela constituição de um “povo”.<sup>5</sup>

Sabe-se que este tipo de análise racial não ficou restrito ao meio acadêmico. Começava a tornar-se, também, bastante frequente nos jornais, por meio de textos dos adeptos das novas teorias. Um deles, o jornalista Euclides da Cunha, merece destaque aqui pela importância de sua obra e pela similaridade que Canudos estabelece com o movimento político e messiânico do Contestado. Sua colaboração no jornal *Província de São Paulo* data de 1889, quando, partidário das convicções de Sílvio Romero, tomava como base de seu trabalho jornalístico a aceitação das leis científicas sobre as características morais das raças.

Assim, interessado em entender a resistência do homem do sertão, concluía que o mestiço era antes de tudo incapaz de conviver com a civilização. Para Euclides, a crença na idéia da existência de povos superiores legitimava a noção da “mestiçagem como um risco”, já que, segundo o autor: “a mistura das raças mui diversas é na maioria dos casos prejudicial. (...) A mestiçagem extremada é um retrocesso, de sorte que o mestiço é quase sempre um desequilibrado” (CUNHA, 1973, p.132).

Este pensamento marcado pelo discurso da diferença transparece nos textos jornalísticos; à semelhança do que também ocorre no deciframento de traços religiosos e políticos no caso do Contestado, alguns jornais projetam a religiosidade dos sertanejos e a figura de seus líderes místicos ancorando-se no pensamento das elites intelectuais da época.

Sobre este aspecto, alguns traços já presentes nos jornais da época reaparecem na obra de Euclides da Cunha. Seu mapeamento das condições de vida dos sertanejos corresponde bem às designações pejorativas do homem do sertão no momento em que se refere às casas do arraial como

---

5. Esta problemática é analisada por Sevckenko por meio da literatura de Euclides da Cunha em sua caracterização do sertanejo em *Os Sertões* e de Lima Barreto em seus escritos contestadores da discriminação de negros e mulatos pelo viés jornalístico.

“urbes monstruosas de barro”, “cidade selvagem”, “tapera colossal”. Para o jornalista e escritor, o arraial era a expressão da miséria (social e moral) do povo. Este aspecto ilustra o ensaio histórico e sociológico elaborado pelo autor (com fortes traços positivistas), em que denuncia um Brasil da época e suas contradições, um litoral civilizado e um sertão colonial, ambos em conflito.<sup>6</sup>

O destaque para a obra de Euclides da Cunha é relevante na análise da caracterização do sertanejo do Contestado, por trazer uma série de referências ao modo como se consolidaram, historicamente, os movimentos sociais no Brasil. O papel fundamental da imprensa na projeção de imagens do sertanejo – e do conflito de modo geral – revela a relação de constituição mútua entre a história e a prática discursiva, caminhando para a produção de um imaginário adequado em uma determinação histórica.

Na construção discursiva da Guerra do Contestado, o discurso racial se manifesta de maneira implícita; porém, determinadas colocações sugerem a supremacia da raça branca ao tratar, de forma estereotipada, o caboclo como um mestiço inculto e criminoso. Este pensamento se manifesta inclusive em obras do pós-guerra, como é o caso do livro de Aujor Ávila da Luz, que traz uma série de referências que enquadram o tipo físico do caboclo como sinônimo de degeneração moral:

Estigmas físicos de degeneração se patenteiam na fisionomia do tipo caboclo – os lábios são grossos, o nariz grande e achatado, os zigomas salientes, a fronte curta, as orelhas grandes. O monge José Maria, tal o era, figura como tipo perfeito de mistificador; tudo está a caracterizá-lo como degenerado moral. (LUZ, 1952, p.95).

Pela análise dos textos jornalísticos enquanto registro e produção simbólica de enunciados, pode-se perceber alguns valores que marcaram o pensamento da época e atuaram na produção de sentido neste período

---

6. Euclides da Cunha – ao dividir a obra em A Terra, O Homem e A Luta – descreve a terra nordestina do ponto de vista geográfico e físico. Estuda o homem da região, os costumes, as crenças e superstições, detendo-se em Antonio Conselheiro e definindo-lhe os traços psicológicos. E, por fim, narra a luta entre o governo e os “fanáticos”. Conforme analisa Maria Antonieta Iadocicco (1999), Euclides se opunha à perversidade e violência das tropas governamentais, mas há momentos em que se contradiz, pois expressava com frequência seu preconceito com os sertanejos, dotados de ignorância e preguiça, além dos aspectos de degeneração racial, por serem mestiços.

da história. Assim, sob o clima tenso criado pelas pressões sociais e políticas e sob o impacto da destruição de esquemas de dominação tradicionais e a emergência do coronelismo, as populações sertanejas aparecem nos jornais da época como responsáveis por uma série de questões que comprometiam o bom desenvolvimento do Estado. Profundamente marcado pela teoria étnica, o pensamento social dominante marginaliza os movimentos populares e a classe excluída, conforme analisa Luís Costa Lima em estudo sobre a construção de “*Os sertões*”, de Euclides da Cunha:

A potência desagregadora das massas e sua inferioridade mental, junto com o postulado evolucionista acerca da inferioridade do mestiço, desempenham papel fundamental no propósito de Le Bon: ‘a alma da raça domina inteiramente a alma da massa. O estado de massa e a dominação pelas massas constituem a barbárie ou o retorno à barbárie. (LIMA, 1997, p.68).

Interessante perceber que nossa história está repleta de casos em que ocorre a permanência de efeitos de sentido consensualmente aceitos, o que implica no silenciamento imposto a grupos e personagens de alguma maneira excluídos da sociedade. No caso da Guerra do Contestado, a pesquisa procura mostrar o modo como o sertanejo é falado nos jornais e participa da construção simbólica deste dizer. Em outras palavras, busca as marcas do processo de construção da sua imagem. Ou, ainda, procura entender as lógicas que fazem que os sentidos se movimentem no transcorrer dos acontecimentos, revelando diferentes faces do homem do sertão, ainda que tragam, como pano de fundo, a reafirmação do mesmo.

### **Construção de sentidos e formação de consensos**

A identificação de regularidades na forma como o sertanejo do Contestado é significado nas páginas do jornal paranaense *Diário da Tarde* será aqui realizada com o objetivo de perceber em que medida a formação de um consenso discursivo vai preenchendo a atividade da imprensa e contribui para a formação de um imaginário predominante em relação aos envolvidos no movimento.

Inicialmente, será tratada a denominação como uma forma singular de atribuição de sentidos, que tem na repetição o mecanismo de afirmação de determinadas características. Assim, a insistência em argumentos que denotam a inferioridade do sertanejo em seus atributos de criminalidade, ignorância e fanatismo percorrem os textos jornalísticos, explicitando as marcas de um pensamento hegemônico condizente com as tendências da intelectualidade brasileira no período.

Denominar, portanto, é tornar visíveis as disputas, imposições, silenciamentos e projeções de sentido presentes na construção do acontecimento histórico (e midiático) do Contestado. De acordo com a reflexão de Bethania Mariani, o processo de denominação organiza-se na ordem do discursivo, que consiste na relação entre o linguístico e o histórico-social, ou entre a linguagem e a exterioridade:

As denominações significam não apenas pelo que se diz com elas, ou pelo modo como se diz, bem como pelo que se depreende das relações que elas mantêm entre si. As denominações vão, assim, organizando regiões discursivas de sentidos que podem se repetir ou se transformar a cada período histórico, em correspondência com as relações sociais de força em jogo. (MARIANI, 1998, p.119).

Observando os jornais que tematizaram e construíram os acontecimentos da Guerra do Contestado, é possível perceber que o processo de denominação, embora conte com eventuais nuances de diferenciação, se vale de formas adjetivadas para reafirmar um sentido comum: a inferioridade (cultural e moral) do sertanejo. Neste aspecto, as representações discursivas que seguem evidenciam como este argumento esteve presente na consolidação do movimento na história, assim como o modo como estas representações fazem sentido em uma estrutura significativa mais ampla do jornal, que perpassa os demais textos e temáticas.

Que tipo de atitudes, no cenário simbólico construído pelo jornalismo, é possível esperar de “esfaimados carnívoros” (17/06/1915), “bandidos temíveis” (12/02/1915), “bandoleiros assassinos” (09/02/1915) e “hordas bárbaras de desertores da lei” (29/10/1912)? Que perfil os leitores acabam por construir de homens que figuram como “famigerados bandoleiros” (09/06/1915), “sanguinários inimigos” (10/10/1914), “criminosos fanáticos” (03/06/1912) e “feras indignas de piedade” (02/05/1914)?

Os adjetivos, ao explicitarem os valores presentes na sociedade, estão carregados de valor simbólico, angulando os sentidos negativamente. Assim, pelas denominações “povo inculto e sanguinário” (02/10/1912), “caboclada rebelde” (05/09/1914), “selvagens criminosos” (12/09/1914) e “perversos facínoras” (17/09/1914), os sertanejos passam a ser considerados sinônimos de criminalidade, ao mesmo tempo em que as expressões “fanatismo bárbaro e truculento” (05/04/1914) e “infelizes jagunços fanatizados” (19/12/1913) evidenciam a “ignorância e ferocidade daquela gente fanatizada” (20/05/1914) dominada por seus “instintos sanguinários” (01/05/1914).

O fanatismo, a ignorância e a rebeldia consolidam-se, por meio das marcas discursivas do jornalismo, como as principais imagens do sertanejo em luta. Desse modo, mesmo quando o assunto principal dos textos é a questão de limites, ou aspectos políticos e econômicos que envolvem a revolta sertaneja, o discurso sobre o movimento é parte constituinte da significação, incorporando os sentidos comuns referentes ao sertanejo em todo o percurso de evolução da guerra.

Os efeitos de sentido produzidos pela denominação (e pelos discursos que se organizam em torno dela), ao tornarem explícitas as significações que os jornais constroem cotidianamente, mostram que a imprensa delinea e acompanha as tendências históricas, agindo sobre elas.<sup>7</sup> Assim, o deciframento do emprego das palavras, do tipo de relação que elas mantêm entre si e do modo como ocorrem e significam nos textos revela que, na luta simbólica pela construção do sentido, o funcionamento de palavras e expressões assume papel relevante em se tratando da formação de consensos.

Outro aspecto significativo que pode ser esboçado pela prática discursiva do jornal *Diário da Tarde* é a compreensão dos modos pelos quais os sertanejos ganham voz nas páginas da imprensa. Ao traçar o perfil biográfico de líderes ou seguidores do movimento sertanejo, o jornal age de maneira subliminar, reafirmando as características atribuídas pela denominação explícita. Embora não muito comuns, textos com dados biográficos,

---

7. Na concepção de Castoriadis, “podemos dizer que a combinação dos signos resulta do sentido, pois enfim o mundo não é só feito de pessoas que interpretam o discurso dos outros; para que aqueles existam, é preciso primeiro que eles tenham falado, e falar já é escolher signos, hesitar, corrigir-se, retificar os signos escolhidos – em função de um sentido.” (CASTORIADIS, 1991, p.167).

acompanhados de depoimentos da população sobre as ações dos “caboclos”, aparecem no jornal para consolidar a imagem do sertanejo como desordeiro e criminoso.<sup>8</sup>

Sob o título “Quem é Euzébio Ferreira”, o jornal paranaense publica informações sobre um dos chefes do movimento do Contestado, procurando apontar os valores religiosos pelos quais os sertanejos se deixaram absorver:

Euzébio Ferreira dos Santos, chefe do movimento dos fanáticos, é um indivíduo de 60 anos presumíveis e natural de Agudos, comarca de São José dos Pinhais, nesse Estado. Mal sabe ler e escrever e até o ano passado, por ocasião da aparição do célebre José Maria, foi um homem morigerado e de comportamento irrepreensível. Dessa data em diante, porém, tornou-se um adepto fervoroso da crença perniciosa espalhada em torno do seu grupo de fanáticos pelo monge, substituindo o passado de homem equilibrado para se alistar nas fileiras do embuste, embora não houvesse participado dos lutosos acontecimentos do Irani. A causa que leva hoje Euzébio a colocar à frente de uma horda de fanáticos, explica-se pela seguinte versão: andando fora de casa um filho de Euzébio, chamado Manoel, regressou apreensivo dizendo haver encontrado em determinado lugar da floresta o monge José Maria, que fê-lo mensageiro de uma ordem terminante para seu pai, mandando que este sem perda de tempo reunisse gente a fim de promover a guerra de São Sebastião. (19/12/1913)

Neste breve percurso pela história de Euzébio, destaca-se o fato de ele “mal saber ler e escrever”, assim como o abandono de um comportamento “irrepreensível” em função da crença em um “célebre” monge que se tornou conhecido nos sertões por liderar uma “horda de fanáticos”. A aparição do monge para seu filho, neste contexto, acaba contribuindo para a ilegitimidade atribuída à credence do homem simples, e distanciando-o ainda mais de um passado de “equilíbrio”. Assim, ao explicitar os traços de uma personalidade do movimento, cria-se uma maneira singular de representar o sertanejo por meio de uma fala “sobre” ele, partilhada pela sociedade.

---

8. No dia 17 de setembro de 1914, o *Diário da Tarde* publicou alguns dados biográficos de Bonifácio José dos Santos, Aleixo Gonçalves e Antônio Tavares Júnior, que estavam à frente do movimento do Contestado no período, procurando evidenciar por entrevistas e depoimentos os “crimes e aberrações dos fanáticos”.

Igualmente interessante é perceber que o sertanejo não tem voz direta, sendo portanto falado pelos mais diversos segmentos da sociedade por discursos jornalísticos, crônicas ou artigos de colaboradores. No entanto, entre os jornais analisados aparece como exceção uma entrevista com dois integrantes do movimento do Contestado que estavam em companhia do capitão Matos Costa, figura que entrou na história pela sua tentativa de “pacificação”.

Sabendo que o bravo capitão Matos Costa tinha trazido em sua companhia dois jagunços, fomos até sua residência para ouvi-los. De fato, lá os encontramos em frente à casa em atitude de contemplação, com esse olhar velado de melancolia próprio dos nossos sertanejos, quando se vêem deslocados dos seus hábitos, afastados do seu meio. Chamam-se eles José Frogli e Alfredo de tal. José, apesar de sua descendência germânica, apresenta o aspecto de um perfeito sertanejo: é um rapaz claro, tostado pelo sol, tendo aproximadamente seus 28 anos. Seu companheiro é um rapagão de 20 anos presumíveis, de um moreno pálido, com um pequeno cavanhaque. Ambos nos declararam não saber ler nem escrever; o José pareceu-nos inteligente, por isso a ele é que dirigimos as nossas perguntas.(...) (07/04/1914)

O início do texto parece sugerir o contraste entre a situação do campo e a civilização a que os “jagunços” contemplam com distanciamento. É de notar, assim como na descrição de Euzébio, no texto anterior, que o fato de não saberem ler e escrever é profundamente relevante nestes discursos. Contudo, este período de 1914 é marcado por um discurso diferenciado do sertanejo, em que são colocadas em questão tentativas “pacíficas” de dispersão do movimento. Neste contexto, os “rebeldes” figuram, em determinados momentos, não mais como criminosos, mas simples vítimas, conforme será abordado adiante.<sup>9</sup> Talvez, em função da campanha lançada pelo próprio jornal, a aparição dos dois integrantes seja uma forma de reafirmar a condição sertaneja e elevar os méritos de uma possível pacificação.

---

9. Entre as variadas características atribuídas aos sertanejos, a ignorância aparece explícita ou implicitamente nos textos do jornal: “A causa primordial do movimento de anarquia que reina no sul do país reside principal e quase exclusivamente no analfabetismo e ignorância das populações desamparadas do poder público e abandonadas ao “Deus dará” e que são ainda espoliadas nos seus direitos.” (28/12/1914)

Na sequência, o diálogo do jornalista com José (o sertanejo que “parece” inteligente) traz informações sobre o aspecto religioso, a figura do monge José Maria e as práticas utilizadas pelos sertanejos nos redutos.<sup>10</sup> Vale notar que o jogo de perguntas e respostas assume contornos um pouco diferenciados da caracterização predominante em outros momentos da guerra, quando os sertanejos representavam uma espécie de “ameaça à ordem”.

\_ Pode dizer-nos como foi que se deixou fanatizar e como acompanhou essa gente?

\_ Eu lhe conto bem certo: Venuto, Sindoca e o velho Euzébio nos disseram que José Maria ordenara que todos fossem pelear na guerra santa de São Sebastião e que a tempo a monarquia tinha chegado; que aquele que não fosse receberia um terrível castigo: seria envolvido numa escuridão durante três dias, e outros castigos ainda piores do que esse se aguardariam a todo aquele que se recusasse a acompanhá-los. José Maria ordenava ainda que toda pessoa contribuísse com uma rês para alimentar o seu povo, que, depois, em vez de uma ele faria aparecer dez... Nós, diante dessa promessa e temendo os castigos que poderíamos sofrer, não pusemos dúvida em acompanhar esses chefes.

\_ Há muita gente dentro do reduto?

\_ Tem, sim senhor; eu não sei bem, mas deve ter umas 900 pessoas entre homens, mulheres e crianças.

\_ E que fazem lá dentro?

\_ Venuto faz constantes formaturas; nessas ocasiões o povo recebe as ordens de José Maria, que as dá diretamente a uma menina de uns dez anos; esta a transmite a seus chefes e estes por sua vez a transmitem ao povo, que recebe com muito acatamento e respeito. Depois da formatura, há precisão, onde é carregado o retrato de José Maria num registro desse tamanho... Todos são obrigados a beijar o retrato do santo.

\_ Os senhores não receiam, por acompanharem o capitão Matos Costa, uma vingança dos chefes dos fanáticos?

\_ Receamos, sim senhor; por isso é que queremos acompanhá-lo.

\_ O capitão então é muito bom?

\_ Muito boa pessoa; aqui nos tem levado para ver uma porção de coisas

---

10. Sobre a religiosidade dos sertanejos, é possível encontrar várias referências pejorativas nos discursos jornalísticos do *Diário da Tarde*: “O nosso caboclo, um homem cheio de credences e ignorante, algumas vezes vai até o fanatismo.” (28/09/1912)



bonitas e nos tem comprado muitos presentes; em sua companhia já vimos o balão subir, já fomos ao cinema, jantamos num tal Amerikan, casa muito bonita onde a gente come bem... (07/04/1914)

Ao evidenciar a organização religiosa dos “jagunços”, a entrevista projeta os valores de uma classe, fundamentados na crença em um líder espiritual que se impõe ora pelo temor aos castigos, ora pelas crianças mensageiras que lideram o movimento. A pergunta “como se deixou fanatizar e acompanhou essa gente?”, estabelecendo a oposição aos valores hegemônicos da época, traz ao público, implicitamente, a ignorância e a incultura das populações sertanejas.

Deixando explícita a parcialidade do jornal (e do jornalista), o questionamento sobre a bondade do capitão é oportuno no contexto da conversa, uma vez que dá legitimidade à operação de “pacificação” que tanto Matos Costa como a própria imprensa tentam concretizar no momento. Contudo, a submissão do entrevistado à benevolência do militar, fascinado com as novidades da “civilização”, tem valor argumentativo ao promover a oposição profunda entre o universo do sertão e da cidade.

Tanto na descrição de traços biográficos quanto na entrevista com um integrante do movimento do Contestado, é o implícito que reafirma a condição sertaneja. Enquanto a denominação marca de maneira explícita o modo como o sertanejo é representado nos jornais, os demais textos partem de falas “sobre”; assim, ao invés de dizer que o homem do sertão é ingênuo e inculto, fala-se sobre sua crença; ao invés de defini-lo como fanático e desequilibrado, descrevem-se suas ações e convicções.

Essa questão transparece de maneira mais intensa nos seguintes fragmentos do mesmo jornal:

À simples vista, somos levados a não dar crédito às pregações e ao poder sugestivo desses monges maltrapilhos que sempre aparecem fazendo profecias e explorando as populações sertanejas. Mas a questão é que os caboclos, homens sem cultura e de uma credulidade inconsciente, deixam-se arrastar facilmente, quando se lhes contam cousas que os impressionam pela estupidez. (26/09/1912)

O deputado paranaense Correia Defreitas, que foi ao reduto dos fanáticos em Taquarussu, em Caraguatá e em Perdizes, e pode conhecer as causas da insurreição que tantas e tão preciosas vidas tem roubado às nossas forças

## Fanáticos, criminosos ou vítimas?

armadas, declarou que o motivo principal do fenômeno que atrai agora todas as atenções do país é o analfabetismo da população insurgida. Todas as outras causas, diz o sr. Correia Defreitas, são secundárias e dependentes daquela. (18/12/1914)

Percebe-se, pela análise destes enunciados, que a representação do sertanejo na imprensa, marcada pela afirmação da ignorância e da inferioridade, é uma mistura de ditos e não-ditos, insinuações e afirmações, que fazem da prática discursiva um campo simbólico com inegáveis interferências no contexto sócio-histórico. É este processo que funciona como elemento fundamental na representação e na reprodução dos consensos resultantes das produções discursivas repercutidas no jornal, construindo um sentido “natural” para a imagem negativizada do sertanejo ao longo da história.

## Discursos e ações... produzindo o terror

A análise da produção e da repetição de determinados efeitos de sentido permite reconstituir o cenário das regularidades discursivas que funcionam como suporte para uma leitura predominante da imagem do sertanejo nos discursos jornalísticos. Assim, as características já traçadas de “incultura” e “fanatismo” são legitimadas nos textos do *Diário da Tarde* por outros argumentos que vão incorporar estes sentidos (e acrescentar outros) para produzir uma imagem determinada do movimento do Contestado.

Neste aspecto, a ciência e todo um discurso médico-legal passam a representar “discursos da verdade”, servindo até mesmo como explicação para determinados problemas sociais. Essas ideias, obviamente, atingem o cotidiano dos cidadãos pelos jornais e passam a constituir elementos para a definição de critérios e perspectivas de civilização.

Trata-se, aqui, de perceber como o discurso das diferenças raciais incide no tratamento discursivo do sertanejo do Contestado, assim como o próprio posicionamento (explícito ou “desfocado”) do jornal enquanto porta-voz destes discursos ancorados na visão pessimista do negro e do mestiço.

Ao anunciar os atos de “banditismo”, “crime” e “massacre” realizados pelos integrantes do movimento, o jornal passa também a definir

os traços de um grupo específico. Os textos que seguem explicitam esta questão:

São gravíssimas as notícias que hoje recebemos sobre os fanáticos. Segundo essas notícias, os caboclos, entregando-se a verdadeiros atos de banditismo, atacaram as estações de São João e Calmon, saqueando-as e massacrando. (07/09/1914)

É de fácil verificação pelo que nos dizem estes despachos a situação amarga e dolorosa em que se encontram as populações de Papanduva, Itaiópolis, Rio Negro e União da Vitória, em face dessa horda perigosíssima de selvagens criminosos que percorrem aquelas zonas, em desrespeito de autoridades constituídas e afrontando rudemente as populações laboriosas e honestas que vem caracterizando seus pseudo-fanáticos. (12/09/1914)

Este povo está bem armado a Winchester Comblain e muitas Mauzers e é um povo famigerado que não aceita acordo algum, a não ser o de matar, roubar e saquear, sendo sempre preferidas as propriedades dos paranaenses. Não se trata de fanatismo e sim de banditismo e saque, com o pretexto de Monarquia. (08/10/1914)

Por meio destes discursos, os sertanejos representam um perigo para as “populações honestas” das diversas cidades por onde passam. As origens do conflito e a situação de miséria e exploração que se somam aos fatores que levaram à eclosão da guerra são ocultados nestes textos, enquanto as intenções de saquear, roubar e matar ganham destaque, em um contexto que o próprio jornal constrói pelo modo como informa os acontecimentos. Ignora-se, portanto, as causas primordiais dos sertanejos para enquadrá-los em atos de “banditismo”, desprovidos de sentido contestador e reivindicatório, conforme sugere o texto do jornal:

Esses caboclos que agora põem em sobressalto o Contestado pouco têm em comum com os primitivos fanáticos que adoravam São José Maria. Uns, são desses ainda, com o espírito obcecado pela sua credence. Outros, mais numerosos, lutam ainda para vingar o bombardeio injustificado de Taquarussu. A maior parte são aventureiros que fazem do banditismo meio de

### Fanáticos, criminosos ou vítimas?

vida. Há ainda os que os acompanharam por medo, sabido que é melhor estar ao seu lado que do lado oposto, e os que esperam de tudo isso a posse da terra que lhes foi extorquida.

Unem-nos, na mesma campanha, os sentimentos mais diversos. Os primeiros, defendem a memória do seu “monge”. Os segundos, agem pelo ódio a quem os atacou. Refratários ao trabalho, procuram os terceiros tirar proveito da situação anormal. Os últimos, querem as terras que passaram de sua posse para a propriedade dos grão senhores de latifúndios. Todos congregam-se pelo receio de ser mais uma vez atacados.

A princípio, como bandeira marrom, bastava o “fanatismo”. Veio depois a lembrança de que na Monarquia eles nunca foram atirados a canhão e viviam em paz no chão que cultivavam. E surgiu, então, entre eles, a ideia sebastianista, que uns adotaram sinceramente e outros exploram com perversidade. Eram dezenas, ao princípio. Foram logo centenas. Hoje são milhares. Quatro mil é o cálculo mais frequente. Assim numerosos, e após tantas lutas, deixaram de ser inofensivos, como o eram e nós o proclamamos. Constituem agora um perigo. Os sertões do sul estão sem policiamento, entregues à horda dos caboclos. As famílias fogem espavoridas. Os povoados mais vizinhos estão desertos. As próprias cidades sentem-se ameaçadas. É uma situação intolerável e necessário tornou-se resolvê-la. Mas, como?

Sempre fomos partidários de uma solução incruenta. Queríamos a pacificação, por meio de emissários e os mandamos aos redutos. Fracassadas as tentativas, batemo-nos por um serviço de polícia energioso e permanente, até que os amotinados entrassem na ordem, e nossas palavras não foram ouvidas. (29/08/1914)

A trajetória realizada pelo jornal aponta para o fim das características iniciais do movimento sertanejo, ou seja, a crença em José Maria, e parte para sua transformação em caso de polícia, uma ameaça à sociedade. Há momentos, porém, em que o jornal se utiliza de argumentos que procuram justificar uma determinada leitura do social, propondo então ações no sentido de “colonizar” o povo e aproximá-lo da “civilização”. Assim, diante das tentativas não concretizadas de dar fim ao movimento considerado “subversivo”, o jornal refere-se às vitórias aparentes das sucessivas

expedições<sup>11</sup> e aborda o problema da pacificação dos sertanejos da seguinte forma:

Não há quem não reconheça que foi a falta de policiamento do contestado que mais diretamente concorreu para a formação de núcleos de bandidos. A solução prática seria, pois, a permanência definitiva de tropa do exército no contestado. A grande e necessária vitória não teremos pelas armas, mas pela ação permanente no terreno contaminado pelos bandidos e será, não pela ação guerreira, mas colonizadora. (09/02/1915)

Afirmadas as características dos sertanejos pelo próprio desfecho da guerra, em que as armas de fogo são combatidas por golpes de facão de madeira, aponta-se a colonização como o meio possível para enfraquecer o movimento. O trecho que segue é bastante expressivo, ao reunir argumentos que justificam as lógicas pelas quais a condição sertaneja adquire sentido.

Não eram vãs as nossas palavras de sábado, quando afirmávamos que o bárbaro assassinato do tenente Campos vinha demonstrar que os fanáticos, ao contrário do que se dizia, se achavam, ainda, no firme propósito de continuar a sangrenta tragédia que há mais de um ano se vem desenrolando nos nossos sertões, trazendo o luto e o desconforto a dezenas de lares, e maculando o solo de nossa terra. A absoluta paz que as autoridades competentes diziam reinar, não poderia ser senão aparente, pois todos nós conhecemos de sobejo o caboclo fanatizado [...]. Podem ficar certos, os senhores homens de poder, que a extinção desse desastroso mal, que é o levante de grupos fanatizados, pelos sertões, jamais será levada a efeito pelos meios até agora praticados. Mil vezes que se os disperse e que se os tente dizimar, eles de

---

11. “A primeira expedição militar para li enviada imaginou ter dado caça a um simples bando de salteadores; mas os salteadores, regressada a tropa, reapareceram, saídos de seus covis. E assim sucedeu com todas as expedições posteriores, a última das quais, a que antecedeu a atual – a expedição Carlos de Mesquita – chegou até a receber aclamações e festas, tão grande era a certeza de que ela tinha de fato extinguido os redutos dos bandoleiros. Ora, nada indica que a mesma coisa não se repita agora com a expedição do general Setembrino. Os bandoleiros daquelas paragens, fátigados, dispersam-se ou fingem que se dispersam. Mas congregam-se depois e recommçam as suas tropelias. [...] A expedição Setembrino, se ela realmente pensa ter acabado com os últimos redutos dos bandoleiros, não deve contentar-se com uma vitória que pode ser tão aparente quanto foi a do general Mesquita.” (09/02/1915)

### Fanáticos, criminosos ou vítimas?

novo se reunirão, cada vez mais fortes, para lançarem à face da civilização e da paz a sua aterradora ameaça. É necessário que se procure trazê-los para o convívio das regiões mais adiantadas ou lançar nas terras que eles habitam as sementes fecundas da instrução e do progresso. (18/05/1914)

O jornal, ao estabelecer a mediação de um discurso pautado no pensamento dominante na época, faz dos atributos e comportamentos dos sertanejos um argumento para a legitimação das diferenças. Trata-se de estabelecer, pela oposição entre um “nós” civilizado e um “eles” atrasado, um jogo de sentidos no qual o Contestado representa a negação de uma sociedade estruturada e em desenvolvimento (social e moral, conforme as tendências de pensamento predominantes na construção de um projeto de brasilidade).

É pela prática discursiva dos jornais que se propõe um “nós” imaginário, pois, construindo representações do sertanejo, constitui-se ao mesmo tempo a imagem invertida do que normalmente se apresenta e oferece. O “nós” representado pelo apoio às forças militares veiculado nos discursos jornalísticos torna-se, da mesma forma, o projetado como sendo o dos paranaenses. Os textos seguintes evidenciam este contraste, uma vez que projetam valores simbólicos diferenciados na caracterização das forças em disputa:

Como se não bastasse tanto sangue derramado, a jagunçada tirou, numa emboscada, a vida preciosa do capitão Matos Costa, ilustre e bravo oficial, cujos sentimentos humanitários trazem o mérito de uma pacificação, chamando-se à razão toda essa horda estúpida e alienada que é a dolorosa inferioridade cultural das populações do sertão brasileiro. (19/12/1913)

Bandoleiros e assassinos, ou simples espíritos empolgados de negro fanatismo, os seres que, em bandos terríveis de ferocidade se levantaram empunhando armas contra as gloriosas forças do país eram essencialmente prejudiciais à ordem e ao progresso. (05/04/1915)

Impossibilitados de tirotear, os soldados do Regimento de Segurança defendiam-se a carabina contra as investidas dos caboclos dispostos a chacinear toda a tropa, a golpes de arma branca. Soldados e fanáticos se misturavam nessa luta fantástica em que os gemidos torturantes das vítimas se confundem aos uivos de rancor partidos dos caboclos tomados de verdadeira fúria. (31/10/1912)

Percebe-se, pela análise destes enunciados, uma espécie de linha divisória marcando, de um lado, um “nós” em que figuram personagens conhecidos, respeitados e admirados, vítimas da ação dos jagunços e, de outro, figuras desconhecidas e pervertidas, inferiores culturalmente, alienadas e ferozes, ao ponto de serem consideradas prejudiciais à ordem e ao progresso. De maneira semelhante, a entrevista realizada com o general Carlos de Mesquita<sup>12</sup> reafirma tal oposição ao traçar o percurso das operações de batalha e anunciar uma nova fase, marcada pela rendição gradativa dos rebeldes. Sobre as estratégias de atuação no Contestado, o general menciona os serviços do capitão Matos Costa e do Padre Lacher, e as dificuldades de estabelecer um diálogo com o que o general denomina de “essa gente ignorante”.

[*Essa viagem ao reduto*] não produziu o efeito desejado, porquanto os amotinados, sabedores da ida do padre ao seu reduto, resolveram sumariamente assassiná-lo, salvando-se ele por benevolência de um caboclo, que o avisou sobre a sorte que o aguardava. O padre Lacher, porém, conseguiu chegar até as proximidades do acampamento dos fanáticos, tendo de se retirar abruptamente, falhando assim as suas intenções. De volta de sua perigosa viagem, o reverendo declarou-me que os fanáticos de Caraguatá são verdadeiras feras indignas de piedade, merecendo ser a todo transe exterminados. Referia-se ele aos 100 caboclos bandidos de que falamos no começo desta entrevista e que são capitaneados pelo alemão Conrado de tal, adventício que parece estar explorando em seu proveito a ignorância dos nossos sertanejos.

---

12. A apresentação que antecede a entrevista confere legitimidade ao que se diz sobre os sertanejos, ao explicitar a trajetória do referido general: “O general Carlos de Mesquita fez toda a campanha do Rio Grande do Sul na Revolução Federalista, de 1893 a 1895, a princípio comandando a polícia daquele estado, prestou assinalados serviços, tendo deixado a seu pedido o comando da polícia, assumiu o do 30º batalhão e de outras localidades ainda no mesmo Estado. Em Canudos foi ferido em combate, tendo feito depois as duas expedições a Mato Grosso, nas quais foram relevantes os seus serviços na célebre questão com a Bolívia. Ultimamente, por ocasião da revolta dos marinheiros da armada, marchou para o Rio como comandante da 56ª de caçadores, sendo depois promovido a general de brigada pelos serviços prestados durante aquela revolta. Seguiu depois para o estado do Ceará na qualidade de chefe de inspeção daquela região, donde regressou para o Rio Grande do Sul, como chefe da 4ª Brigada estratégica, onde é bastante estimado por seus companheiros de armas e pelo povo daquele estado, que reconhecem em sua excia um caráter aliado à rigidez de princípios nunca desmentida.” (02/05/1914)

[...] Ensinado pela experiência do movimento de Canudos não vacilo em afirmar que essa gente protegida pela topografia do terreno em que se refugiou pode enfrentar com vantagem um efetivo de 1000 a 2000 soldados que, desconhecendo as particularidades do solo, servem de alvo aos tiros certos disparados no seio da floresta, pela mão do caboclo. (02/05/1914)

Diante das tentativas frustradas tanto das forças do exército quanto de representantes da igreja, os sertanejos aparecem condenados ao extermínio, justamente por figurarem como bandidos ou “feras indignas de piedade”. Assim, mostrando como são e agem, fica claro que o “eles” marca oposição a um “nós” implícito no texto que, por sua vez, corresponderia ao jornalista que escreveu a matéria e aos leitores do jornal da época. A partir dos efeitos de sentido produzidos por estes textos, na situação em que se inscrevem, é possível apreender a imagem predominante construída pela ação da imprensa. Aprender, portanto, os sinais que apontam para a polaridade e o contraste existente entre a mentalidade forjada por diversos segmentos da sociedade, que compartilham a leitura da notícia, e as práticas dos sertanejos, colocados distantes destes locais onde se produzem as representações.

### **Na inversão de papéis, o movimento de sentido**

No processo de evolução dos episódios da Guerra do Contestado, pode-se dizer que as transformações do contexto social e os interesses que regem tais situações modelam o conteúdo e as formas de significar das notícias. Em outros termos, é possível observar que a construção simbólica dos sertanejos e do movimento político e messiânico não permanece estável durante todo o processo, recebendo novos elementos e reafirmando ou negando dizeres anteriores.

Trata-se do processo de movimentação dos sentidos, que, em estreita relação com a situação específica em que são produzidas as representações, traz à tona as lógicas que orientam a produção de determinadas falas em detrimento de outras. Nessa dinâmica, os sentidos das palavras e expressões apontam para sua constituição em termos das relações de forças sociais.

Portanto, deslocar discursivamente o sentido, nas palavras de Bethania Mariani,



[...] indica o processo de migração de sentidos, indica também reorganização dos modos de dizer historicamente constituídos, ou seja, sinal de possíveis resistências, rupturas e transformações histórico-linguageiras. Indica, por fim, que as práticas discursivas estão em permanente processo de repetição e/ou ruptura em função da permanência e/ou transformação dos rituais enunciativos que as constituem. (MARIANI, 1998, p.50).

Percorrendo os principais momentos do desfecho da guerra, dos primeiros combates e derrotas das forças oficiais até a interferência das polícias dos estados do Paraná e de Santa Catarina e o respaldo do Exército Nacional, pode-se considerar que os interesses em jogo (em especial referentes à questão de limites entre os dois estados) fazem que o posicionamento mais ou menos aceitável às medidas tomadas para a dispersão do movimento circulem de maneiras diferenciadas no espaço do jornal. Depois de apoiar as operações de guerra, no extermínio do movimento subversivo de fanáticos, o *Diário da Tarde* passa a questionar o modo como as forças policiais do estado vizinho procedem, na tentativa de acabar com os redutos dos sertanejos, conforme demonstra o texto do jornalista Rubens do Amaral:

Os arautos da solução sangrenta acham que, feito no Gragoatá e no Corisco o que se fez no Taquarussu estará normalizada a situação. A nós, parece-nos que esses três combates serão apenas o prólogo de uma tragédia sertaneja, que se vai desenrolar por muitos meses ainda, quiçá por muitos anos. Está apenas levantado o pano.

As forças do exército e da polícia catarinense cercam e atacam os fanáticos em seus três conglomerados. Eles resistem como podem, porém as suas pica-paus não podem competir com os canhões e por isso debandam. Quem os impedirá de reunir-se, pela coesão do ódio e do espírito de vingança em novos redutos?

O soldado brasileiro não poderá, assumindo as funções que competem ao soldado catarinense, dar caça aos Venuto Baiano, aos Chico Ventura e aos quejandos facinoras cuja existência entre os fanáticos inofensivos justificou o emprego das armas contra infelizes patrícios mergulhados na ignorância e na conseqüente credence e superstição. É possível que a efusão de sangue tenha tido a virtude de esclarecer o espírito dos fanáticos. Quem negará que a bala esclarece os espíritos, como um bom livro ou um hábil

mestre-escola? É também possível que ela tenha, além desse efeito civilizador, outro mais espantoso ainda: o de regenerar os bandidos. Todavia, não esqueçamos que um Estado que não pode manter senão com os canhões federais a tranqüilidade dentro do seu território é pretendente a um terço do paranaense, com que duplicará o seu. O contestado que vá vendo como são bons governantes os que ambicionam dominá-lo. Santa Catarina conquistou agora, definitivamente, a confiança dos seus jurisdicionados. (12/02/1914)

Neste texto, em que os catarinenses são os “arautos da solução sangrenta”, o sertanejo permanece dotado de ignorância, sendo, no entanto, estabelecida a diferença entre os “facínoras” e os fanáticos “inofensivos”. A superioridade das forças, que combatem modestas pica-paus, é tratada com certa ironia nos momentos em que o jornalista refere-se à possibilidade de “esclarecer os espíritos dos fanáticos” e “regenerá-los” pela efusão de sangue, que teria efeito civilizador comparável ao da instrução. No entanto, estes argumentos ganham força explicativa ao final do texto, quando tal posicionamento é justificado pelo viés da disputa política entre os dois estados. Com o respaldo das forças do exército, o governo catarinense estaria mais próximo das instâncias decisivas em relação à questão de limites.

O efeito de sentido estabelecido inicialmente pelo discurso da união de forças para lutar por uma finalidade comum – a dispersão dos sertanejos – acaba sendo deslocado de acordo com os interesses que incidem sobre as estratégias políticas dos estados na questão de limites. O enunciado “o contestado que vá vendo como são bons governantes os que ambicionam dominá-lo”, carregado de cinismo, explicita a relevância de uma causa maior – o temor da perda de território pelo estado vizinho – em meio às formas com que as forças atuam nas operações de guerra.

Entre os variados posicionamentos dispersos no jornal no transcorrer dos acontecimentos aparecem referências de um contexto social que está sendo construído e no qual as questões do Contestado se desenrolam. Assim, os jornalistas manifestam, em seu próprio fazer, as situações políticas e sociais que perpassam o conflito, constituindo espaços para outras versões e formas de significar.

O fragmento de jornal transcrito abaixo, anunciando telegrama “patriótico” sobre a pacificação sem sangue pelo general Setembrino e

transmitindo um apelo ao presidente do Estado do Paraná para o envio de recursos, promove um movimento de sentido do caboclo criminoso ao sertanejo vítima da sociedade.

“O general, comunicando ao presidente a grata notícia da próxima submissão dos sertanejos, dirigiu um apelo ao governo para que os nossos míseros patrícios, transviados do caminho da lei pela ignorância e pelo abandono em que vivem, sejam localizados nas terras férteis do Paraná “sob as vistas generosas e diretas de autoridades bondosamente moralizadas, a semelhança do que se faz com o colono estrangeiro, a quem cercamos de todas as regalias e que estão destruindo a alma da nossa pátria.”

Nessas simples palavras de um despacho telegráfico, o ilustre general aborda um problema de notável relevância social: a incorporação do proletariado nacional à sociedade. A alma da nossa pátria origina-se dos elementos étnicos, esparsos e ainda não bem caldeados, que concorrem para a formação de nossa raça. O caboclo representa aí um fator preponderante, que, entretanto, é desprezado e, muitas vezes, perseguido e esmagado, em benefício do estrangeiro que vem exatamente, como diz o general, destruir a alma nacional.

Há ainda uma frase no telegrama do general, que revela a nobreza dos seus sentimentos: “Nós, brasileiros, devemos nos condoer da sorte dos nossos desaventurados sertanejos, os quais tudo esperam do fervoroso patriotismo de v. exa.” Tem razão o general: nós, os brasileiros, não podemos deixar de condoer-nos da sorte dos nossos míseros patrícios, quando sabemos que eles se encontram nessa triste condição, única e exclusivamente por *nossa* culpa. Nós é que os deixamos entregues à sua própria sorte no fundo dos sertões, sem sentirem nem de leve os benefícios da civilização, para o qual eles também concorrem com o seu obscuro e afanoso labor.

Eles não têm escolas, que lhes abra o espírito à verdade, afugentando dele as perniciosas crendices; não têm o bem estar e muitas vezes não têm nem o direito de viver no pedaço de terra que ocupa, regando-a com o suor do seu rosto.

Como uma dolorosa antítese, o colono estrangeiro tem todas as regalias: ocupa as terras que de direito pertencem ao nacional, recolhe do Estado toda sorte de auxílios, tornando-se, com os elementos de superioridade intelectual que já traz de seu país, um competidor, a que o sertanejo ignorante, supersticioso,

fatalista, tem de submeter-se, por se encontrar isolado e sem apoio moral e intelectual de seus patrícios. O caso dos sertões é um sério problema moral e social, que revela uma bem inspirada solução; esta não é, porém, a destruição dos fanáticos a ferro e fogo. A sua solução cabe não ao exército, mas sim ao mestre escola. Destruir o homem e deixar a ignorância é cortar a árvore daninha e deixar as raízes. Estas se reproduzirão com mais rigor, brotando por toda a parte em novos e mais perniciosos rebentos. (07/01/1915)

Este longo texto veiculado no *Diário da Tarde*, embora apresente marcas que legitimam a visão consensual sobre o sertanejo, em termos de inferioridade, ignorância e desvios morais, traz também uma série de elementos que permitem (re)pensar a condição sertaneja. Afinal, em relação ao “colono estrangeiro” – que recebe todo tipo de apoio do governo para se estabelecer no País, ainda que esteja contribuindo, segundo alguns nacionalistas, para a destruição da alma brasileira – o caboclo passa a figurar como um compatriota, desfazendo a visível oposição presente nos demais enunciados entre um “nós” e um “eles”. Neste contexto, o caboclo é considerado um “miserável patrício” que só não partilha dos comportamentos e pensamentos “civilizados” pela ignorância e abandono em que vive.

Curioso também é o modo com que se assimila uma certa culpa pela condição em que se encontram as populações do sertão, desprovidas de direitos e oportunidades, uma vez que, por natureza, já estão em desvantagem em relação aos estrangeiros, considerados superiores intelectualmente. Finalmente, em vias de pacificação dos sertanejos, aparece o apelo ao sentimento de unidade nacional, pois “*nós*, brasileiros, devemos nos condoer da sorte dos *nostros* desafortunados sertanejos” – estes mesmos homens, a quem foi considerada necessária a destruição pelas armas, em garantia da ordem e da paz.

O que faz que as “feras indignas de piedade” se apresentem agora, no mesmo jornal, como vítimas da miséria social? Neste movimento de sentido, que lógicas pode-se apreender? Tendo em vista que a imprensa é, por natureza, constituída por diversas vozes, a constituição do discurso jornalístico não abre caminho para uma outra relação de heterogeneidade com os acontecimentos?

Analisando os espaços organizados com sentidos já legitimados e a possibilidade da abertura desse dizer para rupturas, apreende-se o surgimento de outros sentidos, que se movimentam entre o “mesmo” e o “diferente”.

A abordagem deste tipo de percurso de significação nos discursos jornalísticos assume contornos mais explícitos no momento em que o jornal paranaense se firma em um olhar sobre a questão do Contestado que se distancia, de alguma maneira, dos sentidos inicialmente formulados em relação às práticas de combate ao movimento. O texto de Rubens do Amaral – “Os sertanejos em armas são revoltados, fanáticos ou instrumentos? Em qualquer caso, não são os principais culpados” –, explicita esta questão.

Pelas informações que chegam daqui e dali e pelo desenrolar dos acontecimentos, o que se nos afigura é que os fanáticos estão unidos por dois elos principais: sua ignorância fanatizada por monges tão ignorantes como eles próprios e seu ódio a algum morubixaba politiqueiro que os tenha molestado por qualquer razão. Depois virá o instinto de sociedade e de conservação dos bandidos que tenham contas a ajustar com a justiça do Paraná e de Santa Catarina. [...] Se são revoltados contra humilhações contínuas, se são vítimas da ignorância, ou se são ao mesmo tempo uma e outra coisa, merecem esses brasileiros ser acuados na sua toca, como feras, fuzilados a Mouser, varridos a metralha, despedaçados a canhão? Não! Sua culpa é bem menor do que a de quem os exacerbou e de quem os deixou crescer semi-bárbaros nos sertões, segregados da civilização, sem escolas e sem justiça. Que ao menos as intervenções se façam com o mínimo de efusão de sangue exigi-lo-iam os sentimentos de humanidade, se não o impusessem os da justiça. Eles também são brasileiros! (07/01/1914)

Tomado agora por sentimentos humanitários, o jornal anuncia que os sertanejos, que também são brasileiros, não merecem ser tratados a bala, designando parte da culpa pela situação de conflito à omissão da própria sociedade. Assim, contando com o respaldo de autoridades e grupos sociais da capital paranaense<sup>13</sup>, o jornal legitima uma campanha – “Pela Humanidade!” – à opinião pública, posicionando-se como aliado dos sertanejos, em nome dos sentimentos patrióticos. Mas, ao mesmo

---

13. Sobre a adesão da campanha junto à comunidade, vale destacar: “O apelo que lançamos destas colunas – pela humanidade – em prol dos sertanejos de Taquarussu vai repercutindo dia a dia em todos os corações de bons brasileiros. Já registramos aqui o apoio que a esta nobre causa trouxeram autorizados órgãos da imprensa do Paraná e da capital federal. Hoje, temos a anunciar, jubilosos, a aquiescência do Sr. Vidal Ramos, governador de Santa Catarina, a idéia que agitamos.” (15/01/1914)

tempo em que a adesão a um fim pacífico para o movimento torna-se um desejo comum, as operações negam tais intenções. É baseando-se na insatisfação com os rumos tomados pelas forças federais e policiais que o *Diário da Tarde* noticia, em tom emotivo:

Comemorou-se o assalto de Taquarussu. Os caboclos foram feridos a bala, estraçalhados a metralha, espedaçados a canhão. Homens, mulheres e crianças morderam o pó, com os membros decepados, o peito varado, o crânio fulminado, o ventre estripado. O sangue tingiu de rubro as matas do sertão catarinense. Quarenta e oito sertanejos tombaram mortos. Venceu a tropa regular. Nós, do *Diário da Tarde*, estamos com a consciência tranqüila. Não concorremos com incitamentos para tão dura lição aos que pensaram em rebelar-se. Ao contrário, num momento em que a opinião quase desvairava baixando o polegar, como Nero no Coliseu, em sinal de morte, aos fanáticos do Taquarussu, erguemos nossa voz, levantamos o nosso protesto e lançamos o nosso apelo – Pela humanidade!. Esse brado ecoou no Estado inteiro, em Santa Catarina, no Brasil todo. Um movimento de opinião se fez, em prol dos míseros sertanejos.

Um dia, quando se escrever a história desses ajuntamentos, como Euclides da Cunha escreveu a de Canudos, há de constar de suas páginas os esforços que empregamos, como brasileiros e como moléculas da humanidade, para evitar a sangueira que correu. Nossa voz e nossa ação chocaram-se de encontro à invulnerável obstinação de uns e ao invencível fanatismo de outros. Mas nunca se dirá que tivéssemos concorrido para a tragédia com o nosso aplauso, ou sequer com o nosso silêncio.

Os nossos soldados, por sua vez, cumpriram um dever imposto pelos seus superiores hierárquicos. Não os censuramos por isso. Lamentamos, apenas. Mas o coração nos diz que a 8 de fevereiro de 1914 se praticou em Taquarussu um erro, uma iniquidade, senão um crime, de que os responsáveis são o coronel Ferreira de Albuquerque, de Curitibaanos, o coronel Vidal Ramos, governador de Santa Catarina, e o marechal Hermes da Fonseca, presidente da República. (11/02/1914)

Além de nomear os culpados e lamentar o desfecho dos acontecimentos, ressaltando por uma descrição minuciosa o modo como as forças procederam no massacre aos sertanejos, o jornal evidencia o papel da imprensa no desenrolar dos fatos, agindo sobre a realidade que noticia.

Os esforços do *Diário da Tarde* em sensibilizar a população e apontar os rumos de uma solução “sem derramamento de sangue” são os elementos principais presentes no referido discurso jornalístico, ao ponto de anunciar a entrada do jornal de maneira decisiva nas “páginas da história”. Conteúdo semelhante pode ser encontrado na continuação desta campanha, quando o jornal publica manifestações de adesão aos seus objetivos, como a correspondência enviada pelo deputado Correia Defreitas<sup>14</sup> e os demais textos que insistem em apagar as marcas de violência comumente atribuídas aos sertanejos:

(Defreitas): “Os fanáticos não praticaram uma agressão ainda, um roubo, uma depredação. Vão ao extremo de queimar dinheiro, viveres e munições apreendidas para não se aproveitar do que é alheio. A própria lenda da existência de perigosíssimos e facínoras bandidos entre os fanáticos é desfeita por inteiro. Agora que o exército já se desafrentou plenamente na resistência oposta à coluna Adalberto, ponha-se um paradeiro aos mais violentos empregados para dispersar os caboclos. Use-se de outros meios, o sítio, por exemplo, já que a intervenção pacificadora dos emissários do “*Diário da Tarde*” não surtiu o almejado efeito. Os fanáticos, com o revés sofrido devem ter-se convencido já de que não há lugares santos, de que José Maria não os livra de serem mortos pelas balas dos nossos soldados. Perderam a força moral; provavelmente hão de render-se sem dificuldade.” (14/02/1914)

O “*Diário da Tarde*”, em artigo intitulado – Pela humanidade! – definiu sua opinião em relação ao caso com que o sr. Vidal Ramos nos injustificavelmente alarmara o país. Os fatos que cada dia foram chegando ao conhecimento da imprensa e do público vieram felizmente comprovar que a razão estava conosco e não com os que exigiam contra os sertanejos o extermínio

---

14. Dando continuidade à campanha de opinião pública, o jornal publica: “Quando o “*Diário da Tarde*”, em vibrante artigo de autoria do seu ilustre diretor Jayme Ballão, encetou sua já memorável campanha contra o premeditado massacre dos fanáticos de Taquarussu, não imaginávamos que os acontecimentos viessem a dar tão completa razão. À proporção que se foi dissipando o mistério que envolvia o reduto dos fiéis de José Maria, viu-se ficando demonstrado que os sertanejos em armas eram realmente muito mais dignos de lástima e de piedade do que do morticínio que se lhes preparava. Para acabar de tornar perfeitamente justa a campanha do “*Diário da Tarde*”, aí estão agora telegrama do coronel Rocha Tico e carta do deputado Correia Defreitas, os dois abnegados brasileiros que não hesitaram em sacrificar-se para poupar a vida a uma ou duas centenas de compatriotas.” (14/02/1914)

### Fanáticos, criminosos ou vítimas?

a todo transe. Ficou exuberadamente demonstrado que os devotos de São José Maria, até a data do primeiro ataque, ainda não haviam cometido a menor depredação. Assim, pois, não havia como legitimar o envio de centenas ou milhares de soldados do nosso exército para varrer a bala pobres homens que só faziam mal a si mesmos, entregando-se a práticas só compatíveis com o absoluto analfabetismo em que jazem mergulhados. (28/02/1914)

Importante destacar que as ideias promovidas pela campanha não se limitam às páginas dos jornais. Configurando um modo singular de fazer jornalismo, marcado por posturas políticas bastante definidas (característica da imprensa ainda nos primeiros anos do século XX), o jornal envia representantes para os redutos, na tentativa de conhecer de perto a realidade camponesa e promover o fim do conflito. O jornalista, neste cenário, deixa de ser um observador dos acontecimentos para se inserir diretamente no processo histórico. O texto intitulado “A odisséia de um pacificador – Um homem que se expõe a todos os perigos e à própria morte em bem da humanidade” é ilustrativo desta questão, pois descreve a trajetória de um emissário especial do *Diário da Tarde* nos redutos de Taquarussu, Graoatá e outros em tentativa de “pacificação”, acompanhado de parentes de pessoas que lá se encontravam (como Antonio Sampaio, Generoso Ribeiro e Firmo de Mello).

O velho Antonio Sampaio, que pretendeu conseguir convencer o filho que devia voltar para casa, nada pode obter, apesar de chegar a derramar lágrimas ao abraçar o filho, mas tão fanatizado estava este que permaneceu indiferente às súplicas do pai que, nestas condições, teve de voltar para sua casa, tão assombrado ficou por lá estar despertando desconfianças.

Já estávamos sendo vigiados por ordem do vidente, um menino de 9 para 10 anos, que eles tratavam “o comandantinho”, e todos os dias ia pela madrugada receber ordens de São João Maria. As ordens as transmitia imediatamente aos vários comandantes, um do batalhão de meninos e outro dos 12 pares da França.

[...] Senti muito não ter podido evitar tanta sangueira inútil, quando pelo sítio se poderia conseguir tudo em menos de oito dias e ainda se pode conseguir nos dois redutos restantes. Senti queimarem a boa casa do assassinado Praxedes Gomes. Nessa casa, consta, havia pessoas vivas que foram queimadas no incêndio. (22/02/1914)



Embora o emissário, sendo vigiado pelos videntes, não consiga a adesão dos seguidores do monge José Maria, a aproximação do jornal (e, por que não dizer, da opinião pública organizada por ele) acaba por dissolver a ideia de lados completamente opostos e em conflito. O relato em primeira pessoa, neste contexto, torna-se praticamente uma prestação de contas ao leitor, principalmente no que diz respeito à impossibilidade de conter determinadas atitudes das forças policiais, como a destruição dos redutos.

Neste importante momento da história, em que o sertanejo é falado não mais como uma ameaça à sociedade – mas como parte e, principalmente, vítima dela –, deve-se procurar compreender as formas pelas quais se procura representar a condição sertaneja, com enfoques distintos em momentos específicos. No percurso histórico dos jornais, percebe-se que os próprios acontecimentos que se desenrolam após os primeiros meses do ano de 1914 acabam por promover a retomada das características anteriores atribuídas aos integrantes do movimento do Contestado<sup>15</sup>.

Esta campanha de pacificação promovida pelo jornal representou um significativo elemento na definição dos rumos do Contestado. A relevância da observação deste momento específico da história, em que acontece o processo de “migração de sentidos” a partir de mecanismos e estratégias discursivas, está na singularidade com que se procurou traduzir e significar as origens e a situação dos moradores do sertão e integrantes do movimento, de modo a produzir sentidos sobre os fatos.

Pela ação discursiva do jornal, os sertanejos foram representados de um modo particular, dentro de um quadro de referências próprias ao pensamento da época que se somaram a situações pontuais em que o conflito foi tematizado. Ao observar variações de tratamento que conduziram a uma imagem específica dos sertanejos nos jornais, foi possível constatar a construção de um discurso que repercute na sociedade e nas páginas do *Diário da Tarde* para traçar simbolicamente ângulos e marcas de uma história que, conforme procuramos demonstrar, se faz pela polifonia dos sentidos.

---

15. Nota-se que nos levantes posteriores o posicionamento do jornal junto às forças dominantes é explícito; a própria mudança na direção do jornal vai incidir sobre a maneira pela qual o *Diário da Tarde* noticia o desenrolar dos conflitos.

## Sobre algumas imagens de um discurso racial

Procuramos, nesta tentativa de organização temática dos discursos que construíram a imagem predominante do sertanejo, perceber certas nuances de representação (que vão do perfil de criminoso ao de vítima) e o modo como são construídas ao longo da história, evidenciando os significados latentes que fazem da realidade um processo constante de produção e atribuição de sentido. Ou, em outros termos, buscamos analisar as formas de inscrição da historicidade nos processos discursivos e reavivar os sentidos que se movimentam em meio às dinâmicas de atores, fatos e situações dispersos nas páginas do jornal.

Variando entre um trabalho ora analítico, ora reflexivo, ora emocional e dramático, ora de informação, ora de apelo a um determinado tipo de ação (às armas, à decisão política, ao humanitário), o *Diário da Tarde* coloca-se em pauta e mostra que seu trabalho não se separa formalmente de um agir orquestrado pelas forças sociais; trata-se de um tipo de interferência mútua entre o jornal e a sociedade da época, que faz que os dizeres do jornal paranaense produzam sentido.

A diversidade de perspectivas aqui trabalhadas mostrou que o jornal elabora uma certa lógica que o permite se mover, nos níveis interno e externo dos discursos, entre posições e ângulos diferenciados, segundo a situação e os interesses em pauta. Mudanças no andamento do conflito, na política regional, nas vinculações e alianças dos jornalistas e em demais questões relativas aos rebeldes interferiram de forma definitiva no modo como o sertanejo e os demais atores sociais foram tratados e reconhecidos pelo periódico.

O percurso pelas falas do jornal paranaense possibilitou perceber algumas formas pelas quais se compreendeu a condição sertaneja durante a Guerra do Contestado. Desvendando marcas de um pensamento hegemônico marcado pelo argumento racial, reconhecemos a busca pela definição de um perfil do sertanejo por meio da descrição de suas características físicas e morais, individuais ou coletivas – que se manifesta na utilização da denominação e outras formas retóricas – como um recurso constantemente utilizado pelo jornal para “dizer” a realidade. Com a intensificação de uma narração que vinculava os rebeldes às atitudes criminosas, e ainda com o descrédito com que sua religiosidade era tratada, percebemos também que as imagens aqui referidas do homem do sertão percorrem os textos

jornalísticos de maneira direta ou indireta, contribuindo para oferecer determinada leitura dos fatos já anguladas e pré-concebidas no transcorrer da guerra.

Neste sentido, é importante destacar que o vínculo do sertanejo ao analfabetismo, à ignorância e ao fanatismo, embora assuma sentidos diferenciados de acordo com a circunstância em que se revela, é parte integrante do consenso que se constrói discursiva e simbolicamente ao longo do conflito. Este potencial de ação e representação que configura a atividade da imprensa se constitui porque o jornal

[...] trabalha com e cria consensos, opera com dados num primeiro momento explícitos, e que na prática diária de repetições e reiteraões tornam-se cada vez mais implícitos, reforçando-se enquanto verdades ou pressupostos intocáveis. [...] Portanto o jornal cria e recria consensos que a cada repetição necessitam de menos explicações. (SCHWARCZ, 1987, p.248).

O jornal, portanto, trabalha com a existência de questões essenciais e por isso mesmo nem sempre mencionadas explicitamente, ou na maioria das vezes enunciadas de forma subliminar. É no interior desses intervalos de ditos e não-ditos que se pode depreender um leque de representações sobre o movimento do Contestado que vai configurando, desdobrando e constituindo verdades assumidas coletivamente no processo de construção da história pelo jornalismo.